



Ouve-se, frequentemente, o nome “homem para os outros” em relação a Jesus. E em realidade, é quem Ele é. Ele é aquele que não se prende ao Seu estatuto de igualdade com Deus, mas antes Se esvaziou e veio para a terra pelo nosso bem, não por Ele, mas sim, para os outros. Desta forma, Ele torna presente no nosso mundo o amor generoso de quem provém do próprio Deus e da Santíssima Trindade – Pai, Filho e o Espírito Santo. Ser “para os outros” é aquilo que o Nosso Senhor Jesus nos mostra. É o espírito de generosidade, um espírito de esquecimento de ser, até mesmo no seu caso, quando o ser era Deus Todo-Poderoso. O esquecimento do ser e cuidar dos outros.

Quando procuramos cumprir a nossa agenda, ficamos presos em nós próprios e afundamos. Quando esquecemos nós próprios e estendemos a mão aos outros - então aí sim, encontramos-nos com nós próprios. Sabemos quem somos, não através do nosso planeamento daquilo que queremos fazer, mas antes, por intermédio da forma como servimos as necessidades das outras pessoas. É este “ser para os outros” que está no centro da nossa vida em Cristo, e procuramos imitar Nosso Senhor Jesus percorrendo o caminho que ele nos mostrou.

Contudo, sabemos que nas nossas vidas é raro agirmos assim. Frequentemente adoramos não o amor generoso que encontramos no Pai, Filho e Espírito Santo – a Santíssima Trindade, mas antes a trindade profana do eu, mim, meu. Zelamos pelo número um; cuido de mim, não do outro.

Bem me lembro de ouvir falar de uma pessoa que tinha um placard perto da porta da sua casa que dizia: “Deus é o primeiro, o meu vizinho o segundo, e eu o terceiro.” É esta a atitude correta. Amamos a Deus, amamos o próximo, e só depois nos encontramos com nós próprios. Em vez disso, é fácil ficarmos presos no ego, no ser. “O que quero? O que vou ter?”. Depois não encontramos a felicidade que procuramos porque somos reduzidos aos nossos desejos. Não há futuro nisto. Não há vida nisto. Quando agimos assim acontece como alguém sábio uma vez disse: “quando estamos tão embrulhados em nós próprios, somos uma encomenda muito pequena.”

Esse tipo de ego, este “encontrar o ser no ser”, é uma tentação constante. É algo que encontramos no início do tempo, nas primeiras páginas da bíblia quando vemos Adão e Eva, homem e mulher, no Jardim, querendo o poder para controlar tudo. “Quero controlo de todo o Jardim...para mim.”

Isto não resultou. De todo. E lá vão eles, pelo mundo fora, ganhar o pão de cada dia com o seu próprio suor. Desde o início, bem no fundo da nossa condição humana, no pecado original, temos um sentido do ser egoísta, do “quero aquilo para mim”. Quando fazemos isto, não encontramos futuro. Nem sequer encontramos a felicidade que achamos que vamos encontrar quando temos o controlo absoluto. Na realidade, encontramos infelicidade. Seremos uma ilha de infelicidade e solidão. Tantas pessoas solitárias. Este não é o futuro. Há uma forma melhor. Tal como disse John Donne, “Nenhum homem é uma ilha isolada”. Temos de estar sempre atentos, refletir e procurar sempre a melhor forma de imitar Nosso Senhor Jesus em sermos para os outros. Ao esquecermos de nós próprios, descobrimos quem somos numa vida de discipulado. É isto que Jesus nos chama a fazer.

As leituras de hoje, falam-nos muito disto. A primeira leitura, do livro de Sabedoria (Sabedoria 2:12, 17-20), prefigura o nosso Deus, O justo, O que está cheio de santidade, não um ser egocêntrico. Os que O rodeiam, não aceitam a Sua presença, as pessoas que são tão egoístas que não suportam a presença de quem vive uma vida de amor generoso. Na Carta a S. Tiago, ele diz que onde há inveja e espírito faccioso também há perturbação e todo o género de obras más. (Tiago 3:16). Desordem no coração, desordem na comunidade. Quando cada um se preocupa apenas consigo próprio, então não encontrará paz. Mas a sabedoria que vem do alto é, em primeiro lugar, pura; depois, é pacífica, indulgente, dócil, cheia de misericórdia e de bons frutos, imparcial, sem hipocrisia; e é com a paz que uma colheita de justiça é semeada pelos obreiros da paz. (Tiago 3: 17-18)

Ele fala daqueles conflitos e disputas entre nós, de onde veem? No seu tempo, nos dias iniciais da igreja, havia conflitos e disputas. Houve guerras, revoluções, todo o tipo de batalhas pelo império Romano fora. Dento da própria Igreja houve conflitos, lutas, coisa que vemos mesmo no livro de Atos dos Apóstolos. Não foi nenhuma era dourada. O pecado original está presente desde o início. Temos de estar atentos a isso e ir além disso com o convite de Cristo, através do amor altruísta que encontramos no Nosso Senhor Jesus.

A carta a S. Tiago diz que estes conflitos proveem das nossas paixões que estão em guerra dentro de nós. Queremos algo e não o temos, então cometemos homicídio. Cobiçamos qualquer coisa e não a podemos obter então travamos guerras e lutamos (Tiago 4: 1-2). Este tipo de egoísmo que se apresenta de

várias formas, aparece tanto na sociedade, como nas nossas paróquias, nos nossos corações e famílias. Esse tipo de ego, este domínio do ser, é sempre uma fonte de destruição. Se olharmos antes para os outros e para o bem comum, não dizendo: “O que posso obter para mim?” mas antes, “Como posso servir a comunidade?”, então veremos que a nossa vida é uma de paz. Muitas pessoas descobrem isto. Pessoas envolvidas com voluntariado; pessoas que se ocupam com servir dizem sempre, “Recebo mais do que aquilo que dou.” Quando esquecemos a nós próprios e queremos servir apenas outra pessoa, ou uma comunidade inteira, então descobrimos quem somos. Encontramos felicidade.

Alguém uma vez disse, “Quando se procura o bem individual, raramente se encontra o bem comum, mas quando se procura o bem comum, encontraremos a nossa própria paz e felicidade.” Vemos no evangelho de São Marcos (Marcos 9:30-37) aquele profetizado no livro de Sabedoria. Jesus é aquele que estende a mão aos outros, que cura, que serve, que ama, que dá de Si aos que o rodeiam, e eles não o aceitam. Ele mostra-nos o exemplo até mesmo na cruz, “Pai, perdoalhes, porque não sabem o que fazem.” Jesus mostra-nos o caminho num mundo de egoísmo e ego; como amar generosamente.

Aqui estão eles, os Seus discípulos a discutir, “Quem vai ser o primeiro? Quem é o maior? Quem será o primeiro a subir este poste?” Um dos maiores problemas que Jesus enfrentou, foi o egoísmo dos Seus discípulos. Depois, Nosso Senhor diz, “Se alguém quiser ser o primeiro, há-de ser o último de todos e o servo de todos.” (Marcos 9:35). É isto que somos chamados a ser; servos de todos. Se nos esquecermos e procurarmos servir os outros, descobriremos quem somos, encontraremos a felicidade e a vida. É este o coração e o centro do espírito de administração de talentos.

Um administrador não é o mestre. Ele é um servo a quem foi confiado os bens do mestre. E o mestre – o Senhor Deus - nos confiou tempo, talento e tesouro. Ele deixou-nos, acima de tudo, tempo nesta terra. A diversidade de habilidades que temos, não são nossas. Até a nossa própria vida não nos pertence. Simplesmente nos foi confiada. Somos administradores das nossas vidas. Somos administradores das ofertas que recebemos, do tempo que temos. E não é uma quantidade infinita de tempo na terra. Temos de nos preparar para encontrar o Mestre no final das nossas vidas. Ele não nos perguntará: “Quanto obtiveram para vós próprios? Quão bem-sucedidos foram? Quão perto

chegaram ao topo deste mundo terrestre?”, mas antes, nos perguntará, “Amaram o Senhor vosso Deus com o vosso coração, mente e alma? Amaram o próximo como a vós próprios? Foram bons administradores do tempo que vos confiei ou tentaram agarrar-se a ele para o vosso próprio benefício?”

Temos de ter dentro dos nossos corações o espírito de administração. Somos servos, apenas servos. O Senhor confia-nos muitos tesouros, e Ele nos pede que os multipliquemos nesta vida, independentemente daquilo que sejam (cada um de nós tem talentos muito diversos, como diz São Paulo). Em vez de dizer, “Como vou usar isto ou tirar aquilo para chegar ao topo?”, devemos antes dizer, “Como posso usar estes talentos, que o Senhor me deu, de forma frutífera e criativa?” Não ultrapassando os outros, tentando ser o primeiro ou o maior como os Apóstolos estavam a tentar fazer, mas sim como utilizar estes talentos que o Senhor me deu.

Em cada comunidade, há um grande leque de benesses, e todas elas são diferentes. Como posso eu usá-las enquanto mordomo ou administrador, para ajudar outros servos como eu? Para ajudar os outros? Como mostrar amor para com os outros, esquecendo-me de mim e usar a generosa oferta de tempo que tenho, em serviço da comunidade e não apenas para alcançar os meus objetivos, mas sim antes ajudar o meu próximo, o meu vizinho, um estranho que precisa de auxílio, ou a minha comunidade paroquial, assim como a restante comunidade. Como me posso esquecer de mim e da minha agenda e tornar-me um verdadeiro administrador dos talentos que Deus me confiou, especialmente a oferta do pouco tempo que tenho neste mundo?

Se fizermos isto, esquecendo-nos de nós, do ser, do ego, e em vez disso pensarmos no próximo ou na comunidade e em como posso servir, então estas serão serenas. Estarão cheias de alegria que servirão, por sua vez, de exemplo para os outros; vejam como estes Cristãos se amam uns aos outros, que, consequentemente, atrairá mais pessoas.

A administração é evangelização, atraí os outros. Ninguém se quer juntar a um grupo de pessoas que só sabem discutir e são egoístas. Ao esquecermo-nos do ser, como o Senhor nos chama a fazer, imitando-O, atrairemos as outras pessoas, que virão dizendo, “Vejam como estes Cristãos se amam uns aos outros. Como posso eu encontrar esta alegria que eles têm?”

Esta é a nossa missão, ser discípulos fiéis do Senhor, pensando nos outros imitando o “homem para os outros” e reconhecer Deus como o primeiro, o meu vizinho o segundo lugar e eu o terceiro. Nesse sentido, ser um administrador fiel. Um administrador das ofertas que Deus nos deu, únicas na minha vida pessoal em serviço a Deus, pelo amor de Deus e pelo amor ao próximo. Desta forma, no fim da vida – que virá numa hora que não sabemos e mais depressa do que pensamos- podemos olhar com esperança para o encontro com o nosso Deus amoroso e ouvir aquelas palavras, “Bom trabalho, servo bom e fiel. Entra na alegria do teu Mestre.”